

Opiniones y ensayos

O Turismo como instrumento benéfico às populações indígenas

Marcus Vinicius Campos
marcu02@bol.com.br

Introdução

Por todo um processo de aculturação que se deu no transcorrer de 500 anos por grupos dominantes, muitas das características genuínas dos indígenas foram se perdendo e o turismo pode representar a preservação dos elementos existentes, desde que se trate a gestão turística de forma racional e equilibrada.

O turismo deve significar uma alternativa social e econômica junto a uma etnia tão excluída no decorrer da história do Brasil. A origem, a língua, o credo, o artesanato, os ritos, a culinária, podem representar uma condicionante importante ao turismo cultural do país e um indutor a renda de comunidades tão necessitadas.

Para se ter uma idéia, no Século XVI, o Brasil possuía uma população indígena de quase 2 milhões e meio de habitantes (IBGE, 2000). Com todo processo de dominação colonial e posteriormente com a falta de priorização do governo em torno das necessidades dos mesmos, verificou-se uma redução substancial dessa etnia no Brasil.

Segundo o IBGE (2000) a população indígena brasileira chegava a pouco mais de 300 mil habitantes no início do século, estados como a Bahia, berço da colonização portuguesa possuía uma população de apenas 11 mil indígenas, enquanto no Século

XVI estimava-se uma presença de 149000 índios no Estado.

Um fato da dizimação dos índios nos últimos anos está no resultado de que em 1500 se previa a presença de 1300 línguas originárias, enquanto nos dias atuais os relatos indicam a existência de apenas 180 línguas típicas. Isso reflete o processo de perda de tribos que jamais terão resgatadas as tradições que ajudaram a formar a concepção do Brasil.

E o problema permanece, pois a perda de identidade, decorrente da globalização e, além disso, a pobreza, assola grande parte das aldeias espalhadas pelo país, já que a questão fundiária e a falta de políticas inclusivas que favoreça e intensifique as atividades produzidas pelos índios são entraves ao seu desenvolvimento.

Toma-se como base duas comunidades no Sul da Bolívia, a primeira no extremo Sul do antiplano boliviano, cuja comunidade vive baseada no trabalho de pastoreio de ovelhas e tem como língua típica o quéchuá. A região é o 2º lugar mais visitado da Bolívia, onde se encontra as lagoas altoandinas, com gêiseres, lagos e vulcões, cujo fluxo no país só é menor em relação ao Lago Titicaca, a média de visitas anuais é de 40000 turistas.

Os problemas enfrentados pelo destino são invariavelmente as dificuldades de lo-

comoção, é preciso viajar de 10 a 12 horas em veículo, como também a limitação de acomodação, a falta de infra-estrutura impede o desenvolvimento turístico na região, o que é uma realidade de quase todo continente sul-americano.

Mas de acordo ao estudo de Axel Nielsen, Justino Calcina e Bernardino Quispe denominado “Arqueología, Turismo y comunidades originárias: Una experiencia en Nor Lipez”, o grande entrave do Turismo sustentável numa das regiões de maior riqueza arqueológica da região é o isolamento da comunidade indígena. De acordo ao estudo afirma-se “O Turismo nesta região se desenvolveu como um fenômeno espontâneo, sem planejamento algum e como resultado de iniciativas privadas isoladas, e exógeno, já que não foi eleito pela população local, a que tampouco teve oportunidade em intervir em seu desenho, desenvolvimento ou administração”.

Aí está o perigo e ao mesmo tempo a inoperância do Turismo em relação à população local, pior, percebe-se que a função da atividade é nociva já que é uma demonstração efetiva de um planejamento mal estruturado que se caracteriza pelo fato dos turistas levarem fragmentos de cerâmicas ou outros elementos do lugar, causando prejuízos e danos irreversíveis ao espaço.

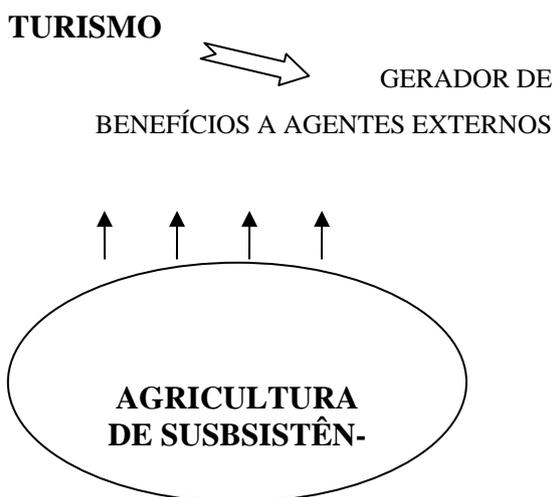


Figura 1.1 – Ineficácia do Turismo como atividade econômica em destinos mal-planejados, exemplo do Sul da Bolívia. Fonte: Elaboração Própria

A figura 1.1 ilustra o sistema decorrente da participação local que permanece com seus hábitos, sem participar do processo de formação do Turismo no lugar, o que indica que a atividade se dá a margem da sociedade autóctone, embora dependa do espaço físico dos mesmos para existir. Com o processo de crescimento do Turismo surge uma tendência de saída da população para atividades secundárias relacionadas ao mesmo, o que causa desequilíbrios, sobretudo econômicos a um grupo equilibrado, embora simples em receita financeira.

Esse tipo de prática deve ser completamente evitado naquilo que se baseia para o Turismo étnico brasileiro e pode-se tomar como exemplo adequado uma outra região do Sul da Bolívia próximo as divisas com o Chile e Argentina, trata-se da região de Lakaya.

A formatação da gestão turística na região era diversa, pois os autóctones se dispuseram a contatar antropólogos na região, no sentido de projetar o Turismo de maneira racional e ordenada, não atuando com a passividade dos nativos oriundos de Lipez. As primeiras medidas adotadas foi um resgate histórico da região e os primeiros beneficiados dessa trajetória cronológica de conscientização foram às crianças locais, uma outra estratégia adotada resultou na construção de um museu arqueológico, e finalmente, uma ação abrangente de construção de um alojamento comunitário, agregado a um plano de controle de resíduos e limitando a área de visitação dos turistas.

Constata-se na figura 1.2 a influência relacionada ao interesse dos turistas apreciadores da natureza em estabelecer um contato com as comunidades anfitriãs a título de conhecer e se relacionar com os povos de origem dos respectivos centros receptores, tem-se percebido nos dias atuais um crescimento do Ecoturismo e com isso a busca por sítios históricos torna-se uma consequência natural, o que deve resultar em benefícios a região sul-americana que dispõe de uma tradição histórica resultante da trajetória dos povos indígenas.

Uma preocupação que se tem do Turismo étnico é a perda de valor da cultura local, mas no caso indígena, essa diluição da autenticidade já vem ocorrendo com o passar dos últimos cinco séculos e, talvez o

Turismo empregado de forma sustentável seja a única forma de alcance da preservação genuína daquilo que ainda existe na trajetória indígena no Brasil.

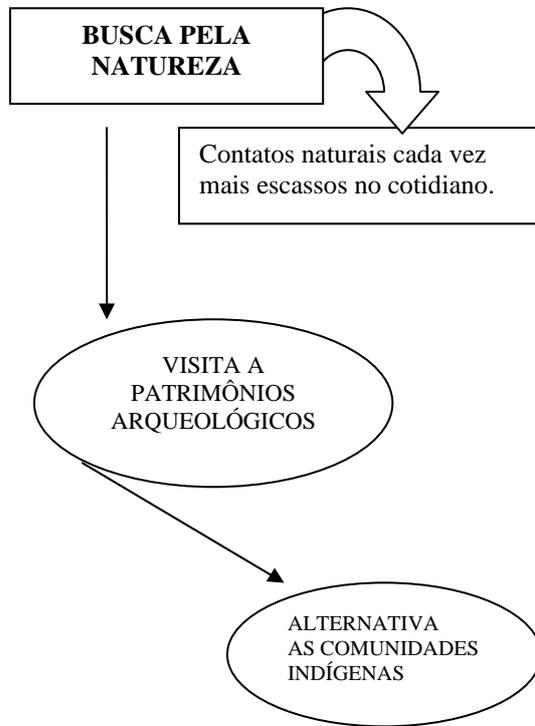


Figura 1.2 – O potencial de crescimento do turismo étnico e de benefícios à comunidade em regiões bem ordenadas. Fonte: Elaboração Própria

No texto Turismo e etnicidade de Rodrigo Grünewald (2003) ele afirma:

“O desenvolvimento turístico levaria os nativos de pequenas sociedades hospedeiras a abandonarem um modo de vida tradicional e independente do capitalismo global para se inserirem em negócios locais incrementados pelo efeito multiplicador do desenvolvimento turístico”.

Agrega-se a isso a visão do antropólogo holandês Jeremy Boissevain, diz ele “ao ser observados, examinados e questionados pelos visitantes, os autóctones se dão conta de como diferem dos visitantes” (Boissevain, 2005), por isso a necessidade de uma solidez cultural para que os receptores não sejam alienados pelos turistas, com uma velha idéia de concepção referencial dos visitantes como exemplos de moda e correção sobre suas próprias filosofias e história, é essencial que no processo de planejamento

a conscientização interna seja aplicada de forma ampla.

No processo turístico verifica-se a necessidade de especificação dos limites de cada um, ou seja, a naturalização do comportamento local, para que disso se obtenha benefícios econômicos. O autóctone não pode ser objeto para saciar os interesses dos turistas, mas sim um agente que transmita sua cultura como signo de conhecimento ao visitante.

Grünewald (2003) acrescenta acerca da questão:

“Se o exótico, o outro, é procurado em lugares distintos do de origem do visitante, os habitantes desses lugares, de acordo com a perspectiva turística deve se promover como esse exótico, a fim de ser atrativo no mercado turístico”.

Dois questões iniciais devem ser tratadas para o planejamento do Turismo em terras indígenas, primeiro a questão fundiária e os conflitos que existem com a não regulamentação das terras indígenas e em segundo com a desconfiguração da vida local, hoje poucas tribos ainda convivem em ocas, os rituais se tornaram esporádicos e muitos costumes foram perdidos, já que estes não vivem da agricultura de subsistência e sim dependem diretamente das políticas de ajuda do governo.

Em contraposição a esse direcionamento deve existir uma preocupação para que a cultura indígena não se transforme numa encenação para os visitantes, mas o ideal está na possibilidade do encontro entre dois segmentos turísticos, o Turismo étnico e o Ecoturismo.

Disso está o potencial para a prática compartilhada desses segmentos na Amazônia, cerca de 48% do total de índios no Brasil encontra-se na região. No entanto, não se tem conhecimento no Brasil de projetos turísticos liderados por tribos indígenas, algo que pode ser implantado desde que se empreenda com dinamismo e prioridade ações junto a essas comunidades.

Entende-se por Turismo indígena como:

“Aquela atividade turística abordada e manejada por comunidades e/ou famílias indígenas, que se desenvolve em um espaço rural ou natural, historicamente ocupado por povos indígenas, conjugando seus costumes e tradições ancestrais e contemporâ-

neas, fomentando deste modo um processo de intercâmbio cultural com o turista”.

Para não ser dependente dos agentes intermediários – operadores turísticos e das grandes redes hoteleiras é preciso um compartilhamento da estrutura governamental no que tange a financiamento e estímulo ao cooperativismo, para que decorrente de sua própria estruturação as comunidades indígenas possam comercializar e promover seus territórios de modo a receber um número adequado de visitantes.

O que acontece na região de Mapuche na Argentina, por exemplo, não têm sido proveitoso as comunidades nativas, pois o Turismo vem se projetando com a chegada de investimentos hoteleiros e isso tem desfigurado a presença indígena, já que os hotéis fazem a inserção dos autóctones não como parceiros, mas como sub-empregados, geradores de mão-de-obra, já que os índios tem sido choferes, instrutores de ski, ou guias, não atuando assim como integrantes de uma história ancestral e marcante.

Como se afirma no Programa Orígenes do governo chileno deve existir uma “autogestão comunitária”, naqueles espaços com predominância indígena, não havendo, por conseguinte uma utilização inadequada dessas comunidades. Para tal, deve-se intensificar um trabalho de qualificação e educação das tribos com a finalidade de que os mesmos possam tomar decisões referentes ao desenvolvimento turístico, sem exercer uma função empregatícia em suas próprias terras.

No caso chileno aplicam-se cursos de Higiene e manipulação de alimentos / noções de administração e contabilidade / capacitação em primeiros socorros / capacitação e avaliação de guias turísticos e formação contínua no tema meio ambiente no relativo ao tratamento do lixo inorgânico e orgânico produzido pela atividade turística (Orígenes, 2003).

No Brasil espera-se uma ação mais efetiva da Funai – Fundação Nacional do Índio, que precisa fornecer apoio técnico e logístico as diversas tribos interessadas no desenvolvimento do Turismo em suas respectivas comunidades. Portanto cada cacique deve intermediar os contatos entre as tribos e o órgão responsável do governo federal, este requer maiores verbas para

lograr os objetivos de inclusão dos índios brasileiros.

É preciso citar os elementos que explicam as razões da atividade turística integrar uma composição econômica forte em relação a outras estruturas, sobretudo a agricultura:

- Forte potencial cultural e natural no espaço habitado
- Produção agrícola em larga escala, o que remete aparatos técnicos de alta tecnologia e capacitação humana, causando o isolamento dos índios que desenvolvem um trabalho baseado na produção em pequena escala.
- Possibilidade de divulgação e comercialização de artesanatos e peças produzidas por mulheres, dinamizando assim a produção econômica das tribos.
- Estímulo à preservação do ambiente natural e das respectivas culturas, a título de valor turístico.

Na figura 1.3 visualiza-se o processo de formatação do produto turístico, onde se pretende estabelecer as diretrizes as quais se poderá adotar, com o objetivo de viabilizar o espaço turístico em regiões indígenas. O estado tendo a função de projetar a infraestrutura necessária, como de auxiliar na divulgação, exercendo uma parceria com os mesmos. Ao mesmo tempo, percebe-se a importante função do cooperativismo, algo que pode se tornar bem-sucedido nas tribos, já que a visão coletiva é muito forte, ao lado disso pode se empreender ações conjuntas com Organizações não governamentais.

O relacionamento com os operadores turísticos pode se tornar problemático, primeiro por um comportamento de dominação por parte dos mesmos em relação às populações anfitriãs, segundo por estabelecer em comunidades indígenas a presença de excursionistas e não turistas, ou seja, visitantes que passam horas, conhecendo a estrutura da comunidade e não pernoitando como é o ideal para que os autóctones venham a lograr benefícios mais concretos da atividade turística, em terceiro lugar está a problemática de que parte dos operadores não cumprem a capacidade de carga, excedendo o fluxo de visitantes, o que pode causar impactos sem precedentes na região, por isso no primeiro momento de crescimento deve se processar uma relação individual de promoção e comercialização.

É importante que se defina o fechamento dessas reservas indígenas para visitação durante certo período do ano – seja em algumas datas sagradas – ou em um dado espaço de tempo, visando o equilíbrio das comunidades, com atos exclusivos dos nativos.

A importância do desenvolvimento turístico junto às tribos indígenas pode resultar na reunião de diversos atrativos turísticos em torno de uma mesma região, tanto o etnoturismo, como o ecoturismo, agregando valor ao produto turístico nacional. Além disso, existe a variável de resgate da auto-estima de uma comunidade que no Brasil corresponde a 0,2% da população brasileira (Funai, 2006), mas que tem um simbolismo que precisa ser divulgado e preservado. Exemplos de como o Turismo pode resgatar as tradições indígenas podem ser vistas no Chile, junto à comunidade Aymara, os mesmos foram na metade da década de 90 ao governador da região pedindo empregos, o governante afirmou que no momento não poderia conceder o que desejavam, mas poderia estimular o desenvolvimento da região através do Turismo, a resposta dos líderes era de que não se sabia como iniciar o planejamento, logo o estado forneceu apoio técnico e anos depois o cacique afirmou o seguinte (Orígenes, 2003):

“Todos nós somos Aymaras, e isto (Turismo) nos fez valorizar nossa cultura, nossas tradições. Começamos a refletir e dar-nos conta o quão importante de nossa história. Começaram a recuperar os contos e lendas. Se fez uma catalogação das festas tradicionais da zona. Todas estas coisas nos fizeram valorizar a cultura como tal”.

É disso que se espera, que o Turismo seja capaz de proporcionar perspectivas de futuro, mediante os índios brasileiros que se encontram diante de problemas tão graves e sem alternativas econômicas a curto prazo.

Conclusão

A realidade mostra que a situação de miserabilidade nas comunidades indígenas é grande, isso pode ser constatado em estudos como o que avaliou a situação nutricional de crianças indígenas Pakaá-

nova no estado de Rondônia, foi constatado que 45,8% das crianças tinham baixa estatura e 26% tinham massa corporal insuficiente. Observando que a população da tribo era de 2300 habitantes, com a alta propensão de mortalidade alcança-se a conclusão de que a durabilidade da geração Pakaánova é curta (Escobar, Santos, Coimbra, 2003).

Outro estudo relata que mais de 8% da população Panará no Sul do Pará estava com tuberculose (Baruzzi, Barros, Rodrigues, Souza, Pagliaro, 2001). No final da década de 80 verificou-se o aumento no número de óbitos da tribo indígena Yanomami no estado de Roraima decorrente de doenças como malária, infecções respiratórias agudas, tuberculose, desnutrição e doenças sexualmente transmissíveis (Pithon, Confalonieri, Morgado, 1991). Recentemente também nos estados do Tocantins e Mato Grosso do Sul foram registradas mortes de crianças em diversas etnias.

O que se percebe é que as comunidades encontram-se atadas sem que qualquer ação pública seja desenvolvida para alterar uma situação que talvez em quantidade não seja tão abrangente, mas em simbolismo prático não é diferente ao que se aplicou há 500 anos pelos portugueses, visualiza-se com isso um isolamento dos índios no Brasil.

O que se espera é que o Estado seja capaz de corrigir sua inoperância e de tal maneira enxergar na atividade turística uma alternativa as condições de sobrevivência dos índios no Brasil, atuando no estabelecimento de medidas sustentáveis e duradouras.

Referência bibliográfica

- Baruzzi, Roberto; Barros, Vera Lucia; Rodrigues, Douglas; Souza, Ana Lucia; Pagliaro; Heloísa.
2001. Saúde e doença em índios Panará (Kreen-Akarôre) após vinte e cinco anos de contato com o nosso mundo, com ênfase na ocorrência de tuberculose. 2001. Cad. Saúde Pública. Vol. 7, n. 2, Rio de Janeiro – mar/abr. 2001.
- Boissevain, Jeremy.
2005. Rituales ocultos: Protegiendo la cultura de la mirada turística. Revista

- de Turismo y Patrimonio Cultural. V.3, n° 2, junho de 2005. Disponível em www.pasosonline.org
- Escobar, Ana Lúcia; Santos, Ricardo Ventura; Coimbra, Carlos.
2003. Avaliação nutricional de crianças indígenas Pakaanova (Wari), Rondônia, Brasil. Revista Brasileira de Saúde de Materno infantil. V. 3, n. 4. Recife, oct/dez. 2003.
- Funai – Fundação Nacional do Índio.
2006. Etnias indígenas. Disponível em www.funai.gov.br. Acesso em 04 de junho de 2006.
- Gobierno de Chile.
2003. Programa Orígenes. Turismo: una apuesta al desarrollo de las comunidades indígenas de Chile. Mideplan-BID.
- Grünewald, Rodrigo de Azeredo.
2003. Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 9, n° 20, p.141-159, outubro de 2003.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
2000. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro. Apêndice – Estatísticas de 500 anos de povoamento, p. 222.
- Nielsen, Axel; Calcina Justino; Quispe, Bernardino.
2003. Arqueologia, Turismo y comunidades originarias: Una experiencia en Nor Lípez (Potosí, Bolívia). 2003. Revista de Antropologia Chilena, v. 35, n° 2, pp. 369-377, 2003.
- Pithon, Oneron; Confalonieri, Ulisses; Morgado, Anastácio.
1991. A situação de saúde dos índios Yanomami: diagnóstico a partir da Casa do índio de Boa Vista, Roraima, 1987-1989. Cad. Saúde Pública. Vol. 7, n. 4. Rio de Janeiro, oct/dec. 2001.

Marcus Vinicius Campos e Graduando do 6º Semestre do Curso de Turismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências da Bahia, Brasil.

Recibido: 28 de junio de 2006
Aceptado: 13 de marzo de 2006
Opinión no evaluada